

A VIOLÊNCIA URBANA

Josaphat Marinho

Em todos os países, no curso do tempo, há problemas normais e questões agudas. Problemas constantes, outros naturalmente recorrentes ou cíclicos reclamam atenção, porém não alteram o ritmo da administração e da vida da comunidade. Há fatos, entretanto, que por sua trágica repetição perturbam a existência coletiva e desafiam a autoridade dos governantes. À medida que se expandem, intranquilizam a população e afrontam o poder público.

No atual momento brasileiro, a violência urbana toma feição de crime organizado. Não há segurança, sobretudo nas capitais e nas grandes cidades. E o fenômeno não vem despertando a reação devida. Se a brutalidade atinge pessoa altamente qualificada, ocorre crítica ou comentário circunstancial, que cessa nos dias seguintes. Se a selvageria alcança indivíduo comum, há uma referência entre os fatos policiais. Frequentemente, não há informação ou explicação oficial. Talvez pela reiteração do desrespeito à integridade física das pessoas. Agora mesmo o **Correio Brasileiro** publicou que, só no primeiro semestre deste ano, houve 2.190 casos de pessoas que desapareceram em Brasília sem deixar rastro. A imprensa refere assaltos a bancos, a residências, a edifícios de apartamentos, com atos de agressão pessoal e roubos, também correntes nas ruas. Cresce a gravidade dos acontecimentos porque aumenta assustadoramente o número dos participantes nos crimes. Agem em grupo, até de mais de vinte, impedindo a reação dos particulares e dificultando a ação da própria polícia.

Demais, dobra a perversidade, mesmo dos que operam individualmente. Neste mês, em Salvador, para apropriar-se de um automóvel, assaltante desferiu vários tiros contra jovem acadêmico de direito, que não resistiu aos ferimentos.

Pessoas e famílias temem, não raro, denunciar os fatos, para evitar maldade desdobrada. Se os acontecimentos se multiplicam, é porque os desajustados sentem que não há riscos maiores para suas ações criminosas. Ou se há de reconhecer que se ampliam as causas da criminalidade. Não há negar que a elevação do desemprego concorre

para agravar a violência. A própria insuficiência da atividade policial pode conduzir a que muitas vítimas, pelo desengano da reparação, ingressem também no caminho da truculência. De todo modo, impõe-se procedimento coordenado no sentido de coibir as ameaças às pessoas e à sociedade.

Se o poder policial nos Estados não dispõe de elementos bastantes para garantir a tranquilidade individual e coletiva, cabe ao poder federal a colaboração necessária. O regime federativo recomenda esse esforço conjugado, até porque o crescimento da violência preju-

dica a economia e a administração em geral. A Federação institui-se para que os poderes, embora autônomos, atuem como vasos comunicantes diante de dificuldades que abalam todo o corpo social. Em tais situações, não devem prevalecer razões políticas de competências específicas, mas preocupações administrativas de soluções eficientes. A tranquilidade da população sobrepõe-se a aspectos formais do mecanismo político. E não há óbice de ordem institucional à conjugação de providências comuns. A Constituição e as leis propiciam fórmulas que asseguram decisões criativas e úteis.

É claro que não são próprias apenas medidas combinadas de natureza policial. Se há uma crise que perturba a economia e o trabalho, convém revitalizar as atividades produtivas. A satisfação regular das necessidades humanas reduz anseios e angústias, adormece ódios e supera desesperanças. A confiança no ganho lícito evita, em muitos casos, a queda na ilegalidade. Os que mais podem economicamente devem dar sua contribuição nesse esforço, que não é só dos governos. Concorrendo para atenuar as desigualdades, estarão gerando esperanças, criadoras de mais equilíbrio social. Quando os seres humanos sentem que não estão abandonados, tendem, em maioria expressiva, para o convívio social respeitoso. Salvo situações especiais, o desespero é que alimenta, grandemente, a violência.

■ Josaphat Marinho, ex-senador pela Bahia, é professor emérito da Universidade de Brasília e da Universidade Federal da Bahia



Arte: Oscar